



Ethos e Atividade Laboral: manifestações em enunciados de trabalhadores no Programa Memória Petrobras

Gislene Feiten Haubrich* e Ernani Cesar de Freitas

*Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais, Universidade Feevale Novo Hamburgo, Rod. 239, 2755, 93352-000, Vila Nova, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: gisleneh@gmail.com*

RESUMO. O artigo propõe a reflexão sobre os processos comunicacionais da atividade laboral em discursos institucionais. Visa a investigar a cenografia que implica o ethos da atividade laboral, mediante a enunciação de trabalhadores na discursivização do processo comunicacional instituído pela exposição virtual 'Vida de embarcado', do programa 'Memória Petrobras'. Para tanto, articula noções de cultura (Morgan, 2011), comunicação (Marchiori, 2013) e trabalho (Schwartz & Durrive, 2007) por meio da análise dialógica (Bakhtin, 2015) e do ethos (Maingueneau, 2013, 2008, a, b). Trata-se de um estudo de natureza aplicada e abordagem qualitativa ao objeto empírico. Como principal resultado, ressalta-se que a discursivização do processo comunicacional por meio da enunciação dos trabalhadores da Petrobras produz um ethos discursivo da atividade laboral centrado na tarefa, nas prescrições e no uso de si pelo outro.

Palavras-chave: cenografia, trabalho, discurso, exposição virtual.

Ethos and Labour Activity: Expressions in statements of workers at Petrobrás Memory Program

ABSTRACT. The article proposes thoughts about the communicational processes of labor activities in institutional discourses. It aims to investigate the scenography that implies the ethos of labour activity by the enunciation of workers in the discursivization of communicational process supported by the virtual exposition 'Vida de Embarcado', from 'Petrobras Memor Program'. For that, it articulates the notions about culture (Morgan, 2011), communication (Marchiori, 2013), and work (Schwartz; Durrive, 2007) through the dialogical analysis (Bakhtin, 2015) and from ethos (Maingueneau, 2013, 2008). It is an applied study with qualitative approach towards the empirical object. As the main result, the research emphasizes that the discursivization of communicational process, through the Petrobrás workers' enunciation, produces a discursive ethos of labor activity based on the task, the prescriptions, and on the use of oneself by another.

Keywords: scenography, work, discourse, virtual exposition.

Introdução

O pós-moderno, como descrito por Lyotard (2013), é caracterizado pela descrença nas metanarrativas constitutivas do moderno. A generalidade cede espaço à especificidade. O conhecimento se refere ao mais importante desafio "[...] na competição mundial pelo poder" (Lyotard, 2013, p. 5). Distante da pretensão de sintetizar (ou simplificar) a rica proposição desse autor, neste momento, tomar-se-ão essas questões como brevíssimo panorama para observar o cenário socioeconômico-cultural presente. Estimam-se tais pistas de uma reflexão densa e extensa que permite sustentar a premissa desta pesquisa: o vínculo imanente entre cultura, comunicação e trabalho.

Se, por um lado, há milênios, o trabalho conecta-se a sentidos contraproducentes sustentados por metanarrativas calcadas em sacrifício, punição ou

alienação, por outro, a abertura linguageira para expressão e produção de saberes pode garantir a ele, o trabalho, mediante a ação de seu produtor, o trabalhador, uma resignificação, embasada na interação verbal produzida pelos sujeitos. Assim, procura-se delimitar a temática aqui abordada ante os processos comunicacionais da atividade laboral em discursos institucionais. Espera-se, desse modo, contribuir para a identificação de indícios para pensar as interações cotidianas que, além de permitirem a realização da atividade laboral, alteram a cultura, num movimento contínuo que aproxima e afasta os sujeitos. Nesse sentido, acredita-se que da compreensão dialógica entre cultura, comunicação e trabalho, poder-se-á depreender algumas percepções acerca do conturbado cenário das organizações na contemporaneidade.

Assume-se, então, o desafio de apresentar reflexões iniciais que orientem tais projeções. O

interesse central do artigo está no ponto de vista da atividade humana do trabalho perante sua manifestação linguageira. Justifica-se, pois propicia um espaço de compreensão acerca da produção de sentidos sobre a atividade laboral em ações institucionalizadas da comunicação organizacional, um passo inicial para composição posterior de considerações diante do cenário cotidiano imediato das organizações. Sustenta-se, então, o entendimento da comunicação perante uma perspectiva interacional e processual em detrimento da proposição ferramental de transmissão de dados/informações. Por fim, fundamenta-se o entendimento do trabalho enquanto manifestação sociocultural permanentemente reconstruída pelos sujeitos na interação verbal (enunciação).

Desta breve contextualização, emerge a questão norteadora do estudo: o programa 'Memória Petrobras', por meio da exposição virtual 'Vida de Embarcado', institui a discursivização do processo comunicacional mediante a enunciação de trabalhadores, cuja cenografia vincula à atividade laboral o ethos de popular, colaborativa, participativa e humanizada. Como objetivo, estabelece-se: investigar a cenografia que implica o ethos da atividade laboral, mediante a enunciação de trabalhadores na discursivização do processo comunicacional instituído pela exposição virtual 'Vida de embarcado', do programa 'Memória Petrobras'. Propostos os desafios, compõe-se o marco teórico por três orientações centrais: organizacionais, ergológicas e discursivas.

No âmbito das organizações, assumem relevo as noções de cultura, abordada por Morgan (2011) e de comunicação mencionada por Marchiori (2013, 2014). Schwartz e Durrive (2007) orientam caminhos para tensionar a noção de trabalho na qualidade de atividade humana. Bakhtin (2002, 2015), filósofo da linguagem, permite instigar reflexões acerca da enunciação e da interação verbal em interface com a proposição discursiva de Maingueneau (2008a, b, c; 2013), que promove bases relacionadas à cenografia e ao ethos na investigação da discursivização do processo comunicacional perante os dizeres dos trabalhadores. O percurso estabelecido para conjecturar tais propostas delinea-se como pesquisa aplicada, exploratória e descritiva, ancorada em análise qualitativa de fontes de primeira e de segunda mão. O *corpus* é construído por depoimentos de trabalhadores do navio-plataforma P-38, publicados na exposição virtual 'Vida de Embarcado', do programa de comunicação institucional 'Memória Petrobras'.

A articulação do artigo congrega três etapas, a começar pelas reflexões teóricas. Na sequência, é apresentado o entrecruzamento metodológico proposto para o estudo, além do detalhamento da construção do *corpus*. Por fim, a partir da enunciação dos trabalhadores, aponta-se a construção da cenografia que culmina com o ethos da atividade laboral no contexto da comunicação institucional. Isto posto, aspira-se a permanência do interlocutor na imersão anunciada e se estima seu deleite mediante questionamentos, provocações e pistas para pensar a relação sujeito-trabalho em sua tensão dialógica permeada pela cultura e pela comunicação.

Atividade Laboral: espaço e processo de tensão comunicacional e cultural

Assumir o ponto de vista da atividade humana de trabalho implica a retomada e articulação de algumas concepções que a cerceiam, a começar pelo entendimento inferido às organizações. Conforme Fairhurst e Putnam (2010, p. 105), elas "[...] são construções discursivas porque o discurso é a real fundação sobre a qual a vida organizacional é construída". Carrieri e Silva (2014, p. 65) complementam: "[...] as organizações são vistas como um conjunto de discursos que articulam as interações organizacionais". Aceitar o discurso como alicerce implica perceber tais estruturas como "[...] ambientes dinâmicos, interativos, discursivos, com elementos constituintes (essenciais) e constitutivos (meios e recursos) no processo de criação e de consolidação de realidades. A realidade é maleável, construída pelos indivíduos" (Marchiori, 2014, p. 16).

Assim, atribui-se aos sujeitos a possibilidade (e a responsabilidade) pela co-construção de normas e regras que regem seu convívio no *lôcus* laboral.

Conforme Marchiori (2013, p. 105), "[...] a organização é um fenômeno social, e uma de suas principais características é a interação humana". O propósito dessa autora é ratificar a relação entre cultura e comunicação por meio das interações sociais entre os sujeitos. Em virtude disso, Marchiori (2013) apresenta o Paradigma da Cultura e da Comunicação, e referencia a emergência do estudo das metáforas, cuja base está no entendimento da criação e recriação da realidade organizacional diante da performance, do símbolo, da voz e do discurso na arena da cultura e da comunicação organizacional. De acordo com Smircich (1983), a cultura tratada enquanto metáfora procura manifestar aquilo que a organização é. "A organização passa a ser uma forma particular de expressão humana¹" (Smircich, 1983, p. 353, tradução nossa).

¹ [...] organization as a particular form of human expression" (Smircich, 1983).

Morgan (2011) tem o mérito de refletir, de maneira ampla, essa perspectiva e propõe nove diferentes formas de olhar, para ler e compreender as organizações perante metáforas. Ante os interesses deste estudo, mesmo diante da riqueza e da diversidade da obra de Morgan, cabe a seleção de uma delas: organizações vistas como fenômeno cultural. Nesse caso, se aceita “[...] a ideia de que a organização é em si mesma um fenômeno cultural que varia de acordo com o estágio de desenvolvimento da sociedade” (Morgan, 2011, p. 116).

A realidade organizacional é proporcional ao progresso social, sendo indissociável a relação organização-contexto. É mediante essa conexão que ambos produzem e reproduzem saberes, expressos por padrões comportamentais, valores e princípios. Nesse sentido, as interações constantes implicam a negociação de significados que culminam com as representações construídas diante das trocas linguageiras.

De certo modo, Marchiori (2013, p. 101) segue esse percurso quando afirma que “[...] a comunicação forma a cultura organizacional por meio da construção de significados”. Fica evidente a relação estreita e inerente entre comunicação e cultura, visto que concernem a processos que fundamentam (e são fundamentados) pela ação humana. A interpretação é um aspecto chave em ambos os processos, pois seu resultado, os significados, permite o convívio coletivo. Por fim, pode-se tomar a asserção de Marchiori (2009, p. 8, tradução nossa): “[...] a interpretação dos ambientes expressa a realidade cultural de uma determinada organização, por meio de seus discursos e relacionamentos²”. Faz sentido, então, incluir nessa interface a razão maior para a existência das organizações: o trabalho que, para Schwartz (2015, p. 77), “[...] é atividade que se desenvolve para além do tempo do emprego, para além do tempo da exploração do mercado, é o tempo de produção da vida, da saúde, do viver bem em comum.”

Tempo é uma variável importante quando se pensa nas práticas organizacionais contemporâneas. Todas as ações são mobilizadas pelo/no tempo. A pressão dele advinda é responsável por orientar a relação sujeito-trabalho. No entanto, o enfoque sobre isso, aqui, será restrito a essa superficialidade, pois, diante do interesse central do estudo, se torna imprescindível refletir sobre a ‘realidade enigmática’ (Schwartz, 2011) que alude ao mundo do trabalho. O fazer laboral não pode ser plenamente previsto ou

antecipado e depende da subjetividade humana para existir. Freitas (2011, p. 122) ressalta que “[...] quando se interessa em estudar o trabalho, é preciso reconhecer que a atividade de trabalho é sempre expressão de uma relação social” do ‘eu’ com o ‘outro’.

A Ergologia tem como premissa a compreensão do trabalhador na construção ativa da realidade, por meio da gestão que faz de si na atividade laboral (Schwartz & Durrive, 2007). Aceita-se que são feitas escolhas, orientadas tanto por prescrições às tarefas quanto perante a interpretação e o acionamento dos saberes da experiência, expressão da dimensão subjetiva do trabalho. Schwartz (2007) apresenta três aspectos referentes à atividade humana na abordagem ergológica: “[...] a) uma noção que cruza, transgride, conecta todas as fronteiras no interior do ser humano; b) um poder de mediação entre cada nível de experiência humana; c) uma dinâmica de contradições potenciais à matriz de toda historicidade humana³” (Schwartz, 2007, p. 130, tradução nossa).

Percebe-se, assim, que a atividade de trabalho implica toda a complexidade humana para sua realização, uma perspectiva que transforma o olhar investido aos sujeitos, ao seu fazer e às suas interações.

As escolhas mencionadas pela Ergologia tangem a produção de saberes que estabelecem, por meio da comunicação, as normas coletivas, às quais instituem as organizações perante sua cultura. Durrive (2011, p. 49) destaca: “[...] o que caracteriza o homem é, na verdade, a capacidade de se mover dentro de um universo de normas”. As normas, ou saberes constituídos, correspondem aos documentos prescritivos, às definições anteriores ao sujeito. Na relação dialógica sujeito-norma-saberes, importa saber, ambos se transformam e se atualizam mutuamente, o que produz renormalizações e novos saberes. Schwartz e Durrive (2007) denominam essa dinâmica como dramáticas dos usos de si: uso de si por si e uso de si pelo outro.

O uso de si por si se refere ao envolvimento complexo do sujeito para a realização do uso proposto pelo outro, ou seja, das prescrições organizacionais. Esse envolvimento complexo diz respeito às experiências e aos saberes investidos pelo trabalhador. “Remete à especificidade da competência adquirida na experiência da gestão de toda a atividade de trabalho. E esta experiência é investida nesta situação única e histórica” (Trinquet, 2010, p. 101).

² “La interpretación de esos ambientes es expresa en la realidad cultural de una determinada organización, por medio de sus discursos y relacionamientos” (Marchiori, 2009).

³ “Une notion qui traverse, transgresse, relie toutes les frontières à l’intérieur de l’être humain. Un pouvoir de médiation entre chaque niveau de l’expérience humaine. Une dynamique de contradictions potentielles, la matrice de toute historicité humaine” (Schwartz, 2007).

Já o uso de si pelo outro tange os saberes acadêmicos ou constituídos e, conforme Trinquet (2010, p. 101), “[...] isso significa que ele [o saber constituído] é definido fora desta atividade particular que estudamos e vinculado a outros conceitos, independentemente de situações particulares. Ele é genérico, generalizável e constituído do exterior de todas as situações precisas.”

Na intersecção entre as abordagens dialógica e ergológica, Machado e Di Fanti (2012) refletem sobre um procedimento metodológico para a abordagem da atividade laboral: a criação de espaços de dizer “[...] para que o trabalhador [possa] refletir sobre sua experiência” (Machado & Di Fanti, 2012, p. 26). Atenta-se a esse aspecto para finalizar essa etapa inicial, visto o *corpus* selecionado para a realização da pesquisa. Interessa, então, propor algumas reflexões: que coerções permeiam a enunciação dos trabalhadores na exposição virtual ‘vida de embarcado’? Como ela reflete/refrata o espaço de dizer em tal contexto? Como as experiências aí narradas pelos trabalhadores compreendem os usos de si por si na realização da atividade? Como o uso de si pelo outro nesse espaço de dizer produz a discursivização do processo comunicacional? Antes de pensar sobre esses (e outros) aspectos, dá-se sequência ao artigo a partir de um breve esboço acerca da dimensão do discurso.

O Eu e O Outro: elos encadeados no ethos discursivo

Ancorar na atividade humana o eixo compreensivo das dinâmicas da vida cotidiana nos ‘tempos líquidos’ (Bauman, 2007) é desafiador e exige escolhas para navegar com o mínimo êxito em meio ao mar de normas coletivamente instituídas. Por essa razão, este estudo sustenta a premissa do vínculo imanente entre cultura, comunicação e trabalho, visto o movimento dialógico que o sustenta. Di Fanti (2013) chama atenção para similaridades entre as atividades humanas da linguagem e do trabalho: opacidade, complexidade, incompletude, heterogeneidade e singularidade. É evidente que tais características podem ser agregadas ao estudo da cultura. Nesse sentido, entende-se que perseguir tal propósito sob o ângulo da linguagem tende a ser profícuo, pois instaura e manifesta as interações da atividade laboral e nos comportamentos culturalmente organizados. A respeito da natureza dialógica da linguagem, Di Fanti afirma que, “[...] na permanente inter-relação com o outro, pressupomos que o enunciado - como um elo no encadeamento da comunicação discursiva - estabelece complexas interações com os enunciados dos outros, sejam próximos ou distantes,

observáveis ou não”⁴ (Di Fanti, 2013, p. 37, tradução nossa)

Em consonância com Di Fanti, assume-se o dialogismo como base da premissa da pesquisa. Interessa, então, apresentar, mesmo que brevemente, algumas das concepções bakhtinianas. Fiorin (2010, p. 33) ressalta que Bakhtin propôs uma disciplina, a translinguística, “[...] que teria por objeto o exame das relações dialógicas entre enunciados, seu modo de constituição real”. Na perspectiva de Bakhtin (2015), a linguagem é um fenômeno social promovido pela interação verbal, perante o uso concreto da língua na tradução de fenômenos em enunciados ou discursos, que são como “[...] elo[s] na corrente completamente organizada de outros enunciados” (Bakhtin, 2015, p. 272). O princípio dialógico implica a relação eu/outro de forma indissociada, visto que é da presença dos discursos do ‘outro’ que o ‘eu’ se estabelece e vice-versa. Assim, locutor e interlocutor assumem atitudes responsivas ativas no ato comunicativo, pois todo o processo de interação verbal é permeado pela entoação ou tom valorativo, num vínculo entre verbal e extraverbal.

O vínculo entre o social e o verbal é discutido por Bakhtin e Volochinov (2014). A partir da noção de signo como materialização da comunicação discursiva, algo que possui um significado e aponta para uma realidade além da material, ou seja, reflete o material e refrata o ideológico, chega-se ao entendimento de que “[...] o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana é a palavra” (Bakhtin & Volochinov, 2014, p. 37). A palavra, conforme apontam Bakhtin e Volochinov (2014), é produto da interação entre um locutor e seu ouvinte, sendo, então, expressão de ‘um’ em relação ao ‘outro’. É ponte, é território comum. Nesse sentido, a palavra é signo e pertence a um estoque social à disposição do ‘eu’ e do ‘outro’. O meio social que envolve os sujeitos é como um centro organizador que permite a identificação de discursos.

As forças centrípetas, conforme denomina Bakhtin (2002), refletem a realidade material e implicam o movimento de unificação e cristalização de significados no contexto social. Entretanto, tal forma de centralização não atua isolada no processo de interação verbal. No cotidiano, quando o sujeito toma o direito de fala e produz seus enunciados, faz escolhas diante do estoque que tem à sua disposição, e participa ativamente na refração da realidade, apontando para algo além do posto. Instauram-se,

⁴ “En ce qui concerne le langage et sa nature dialogique, en interrelation permanente avec l’autre, on présuppose que l’énoncé – en tant que maillon de la chaîne de la communication discursive – établit des interactions complexes avec d’autres énoncés proches et lointains, observables et non observables” (Di Fanti, 2013).

então, processos de descentralização e desunificação, que correspondem às chamadas forças centrífugas. É na enunciação que as duas forças se entrecruzam. “Cada enunciação que participa de uma ‘língua única’ (das forças centrípetas e das tendências) pertence também, ao mesmo tempo, ao plurilinguismo social e histórico (às forças centrífugas e estratificadoras).” (Bakhtin, 2002, p. 82, grifo do autor).

O breve caminhar pelos pressupostos bakhtinianos instiga diferentes possibilidades no estudo da atividade humana perante a intersecção entre cultura, comunicação e trabalho. É novamente necessário escolher, pois, conforme Fiorin (2010, p. 34), como Bakhtin “[...] não desenvolveu uma linguística, [...] qualquer análise linguística pode ser utilizada como base de uma análise translinguística”. Nesse sentido, a fim de tornar explícito o processo de análise da enunciação dos trabalhadores no programa ‘Memória Petrobrás’, opta-se por agregar a esses apontamentos as considerações de Maingueneau acerca do ethos⁵. De pronto, cabe ressaltar que a noção de ethos, para esse autor, decorre do quadro da análise do discurso e “[...] permite, de fato, refletir sobre o processo mais geral da adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva” (Maingueneau, 2008b, p. 69). Mediante esse escopo, é possível agregar a reflexibilidade enunciativa e a relação entre corpo e discurso ao estudo do ethos.

Uma construção complexa, o ethos, para Maingueneau (2013, p. 107), se produz “[...] por meio da enunciação, [quando] revela-se a personalidade do enunciador”. Nesse sentido, ressalta-se que a interação verbal se dá entre dois sujeitos: o enunciador e o coenunciador. A relação entre esses atores da enunciação decorre de um triplo movimento de incorporação: do fiador pelo enunciador; do coenunciador pelo fiador/enunciador e destes pela conjuntura socioideológica (Maingueneau, 2013). A incorporação implica o interesse persuasivo imbricado à enunciação. O fiador é a instância subjetiva elaborada pelo coenunciador para representar o enunciador. Essa instância “[...] se manifesta no discurso, não se deixa conceber apenas como um estatuto associado a uma cena genérica ou a uma cenografia, mas como uma voz indissociável de um corpo enunciante historicamente especificado” (Maingueneau, 2008a, p. 17).

A cena de enunciação permeia toda a construção do ethos. Ela envolve toda a troca linguageira, mas se

constitui de acordo com o ponto de vista investido ao objeto analisado. Esse ponto de vista pode partir de um ou do conjunto das três cenas que integram a cena de enunciação: cena englobante (tipo de discurso), cena genérica (gênero de discurso) e cenografia (construção do texto). A cenografia “[...] é a enunciação que, ao se desenvolver, esforça-se para construir progressivamente o seu próprio dispositivo de fala” (Maingueneau, 2013, p. 98). Nesse sentido, é importante ter ciência, ainda, das formas de expressão do fiador na enunciação e que se relacionam com a construção da cenografia.

Maingueneau (2008b, p. 72) faz saber que o fiador é “[...] investido de um caráter e de uma corporalidade”. O primeiro concerne às determinações psíquicas, enquanto o segundo é avaliado perante aspectos físicos, como a compleição corporal, a forma de vestir-se e mover-se. Além desses dois elementos, ainda fundamenta a enunciação o tom investido, pois ele “[...] dá autoridade ao que é dito” (Maingueneau, 2013, p. 107). A figura do fiador é central no processo de incorporação, pois “[...] o poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor [coenunciador] a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados” (Maingueneau, 2008b, p. 73).

Nesse sentido, a reflexão aproxima-se da proposição bakhtiniana de entoação quanto ao valor social da palavra imbricada no imaginário ideológico de uma comunidade (Bakhtin, 2015).

As categorias discursivas de cenas englobante e genérica, de cenografia, do enunciador, do coenunciador e do fiador concernem ao que Maingueneau (2008a) denomina como ethos discursivo. Elas instituem um ethos dito e um ethos mostrado, cuja distinção “[...] se inscreve nos extremos de uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o ‘dito’ sugerido e o puramente ‘mostrado’ pela enunciação” (Maingueneau, 2008a, p. 18, grifo do autor).

Porém, esse autor também chama atenção para as representações construídas pelo coenunciador antes mesmo da enunciação: o ethos prévio, que pode estar vinculado ao gênero discursivo no qual se inclui o dito ou posicionamentos ideológicos já constituídos no imaginário coletivo (Maingueneau, 2008c). As reflexões apresentadas até o momento aguçam o olhar para o *corpus* selecionado. A fim de projetar as conjecturas estabelecidas, prossegue o texto.

Percursos e Discursos: transposições na construção de um olhar para o trabalho

A articulação das conjecturas teórico-analíticas possibilita muitas rotas. Irrevoável é a necessidade

⁵ Tem-se ciência da amplitude e densidade da obra de Maingueneau perante os pressupostos da semântica global. Porém, diante das limitações deste espaço e as delimitações propostas para o estudo, considera-se a reflexão sobre *ethos*, que é brevemente tecida.

de escolha no aqui e no agora. O percurso se delineia em meio à natureza aplicada, à apresentação descritiva de resultados e à abordagem qualitativa. A trama se tece a cada singular enlace entre cordéis bibliográfico e documental, alinhavada por dados de primeira e de segunda mão. Sob a lupa, transcende o objeto empírico em estudo: o programa de comunicação institucional ‘Memória Petrobras’, cujo objetivo é ‘preservar, integrar e divulgar a história da companhia’. O programa é composto por diversas ações, dentre as quais: linha do tempo (organização cronológica dos eventos); videoteca (produções audiovisuais elaboradas na ocasião de 60 anos da empresa petroleira, em 2013); exposições virtuais, estruturadas com base nos depoimentos de trabalhadores e parceiros etc.

Entre as diversas práticas do Programa, cuja divulgação é disponibilizada em *website*, especifica-se como *corpus* de estudo depoimentos de funcionários do navio-plataforma P-38, publicados na exposição virtual ‘Vida de Embarcado’. Das dez categorias (Petrobras, 2015a, s.p.)⁶ utilizadas para organizar os dizeres dos trabalhadores, selecionam-se três, a saber: a) Funções na Plataforma; b) Cotidiano na Plataforma; c) Greve em Alto Mar. Essas categorias temáticas foram escolhidas perante o escopo de interesse da análise: a discursivização da comunicação institucional em cenografia oriunda da enunciação dos trabalhadores e que culmina com o ethos discursivo sobre a atividade laboral nesse contexto. A lente da investigação é representada na Figura 1.

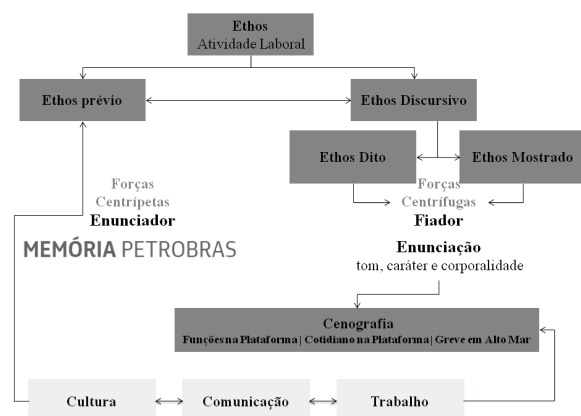


Figura 1. Dispositivo de investigação.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme os arremates que tramam a Figura 1, a produção do ethos da atividade laboral percorre a inter-relação das categorias organizacionais, ergológicas e discursivas. A teia se produz ante os

três fios: 1) cultura, perante a metáfora das ‘organizações vistas como fenômeno cultural’ (Morgan, 2011), e comunicação organizacional na perspectiva interacional (Marchiori, 2014); 2) trabalho no ponto de vista da atividade humana (Schwartz, 2007, 2014; Schwartz & Durive, 2007) e 3) discursivização do processo comunicacional na dimensão da linguagem (Bakhtin, 2002, 2015; Maingueneau, 2008a, b; 2013). As noções organizacionais e ergológicas são base para a identificação da cenografia que permite a (re)organização da enunciação em análise. Mediante a relação entre as forças centrípetas e centrífugas, se dá a interação dialógica Eu - Outro, responsável pela produção de renormalizações e de saberes. Do encontro entre o ethos prévio, o ethos dito referente ao programa e o ethos mostrado pela enunciação, é possível identificar o resultado da interação entre os interlocutores mediante o ethos. Como se dá o enlace entre o nó teórico sugerido? É o tecer que segue.

A Trama dos Trabalhadores: fios da enunciação e o tecer do ethos da atividade

A atividade laboral, como define Schwartz (2014, p. 261, grifo do autor), é “[...] cada vez mais um ‘encontro de dramáticas do uso de si’”. Essas dramáticas se referem à unicidade da situação de trabalho, o que supõe a impossibilidade de antecipação. No entanto, por meio dos significados instaurados no coletivo, que abarca trabalhadores e públicos, as organizações tendem a produzir sua enunciação diante de centralização e unificação discursiva. Nesse sentido, o estudo do ethos contribui para refletir sobre as forças descentralizadoras e dispersivas que ecoam na enunciação organizacional, mediante cenografias constituídas no tecido e na tessitura discursivos.

É o caso do *corpus* selecionado para este estudo. O uso de depoimentos de trabalhadores para compor um quadro de memória organizacional tem sido considerado um método eficaz à gestão da reputação organizacional⁷. Entretanto, a constituição do ‘Memória Petrobras’ se destaca por sua origem, fato exposto em seguida. Assim, a fim de refletir sobre o ethos da atividade laboral no contexto referido, síntese do processo analítico, compor-se-á a investigação em três etapas, orientadas pelo dispositivo representado da Figura 1, a começar pela perspectiva do ethos prévio. Nele ancorado, na sequência, busca-se na enunciação a construção da cenografia decorrente das categorias selecionadas na exposição virtual ‘Vida de Embarcado’. Essa etapa

⁶ Os depoimentos de todas as categorias estão disponíveis em: <<http://relacionamento.petrobras.com.br/memoria/minisites/memoria/embarcado/index.html>>.

⁷ Além da Petrobras, instituições como a Votorantim e a Odebrecht também utilizam esse recurso, por exemplo.

culminará com a descrição do ethos dito e mostrado que, em conjunção, revelam o ethos discursivo.

Todavia, antes de apresentar considerações sobre o ethos prévio, é importante situar os atores envolvidos nessa construção do ethos. Com base na categorização desenvolvida por Maingueneau (2008b; 2013), o Programa de Comunicação assume a função de enunciativo, enquanto o fiador é a exposição virtual. Percebe-se, então, o exercício das forças centrípetas (Bakhtin, 2002), pois se instaura uma mediação entre o uso da voz do outro à produção de legitimidade ante os públicos. Nesse cenário, o analista do discurso assume o papel de coenunciador, porquanto seu enfoque está nas forças centrífugas (Bakhtin, 2002) emanadas perante a enunciação dos trabalhadores, para além da mediação organizacional.

A cena de enunciação (Maingueneau, 2013) se constitui da cena englobante, cujo tipo de discurso é o institucional sob o suporte de *website*, e da cena genérica relacionada à memória empresarial. Define-se memória empresarial como gênero discursivo, em vista da definição bakhtiniana de que cada “[...] campo de utilização da língua engloba seus ‘tipos relativamente estáveis’ de enunciados, os quais denominamos ‘gêneros do discurso’” (Bakhtin, 2015, p. 262, grifo do autor).

Nesse sentido, menciona-se, brevemente, a sua instituição a partir do conteúdo temático vinculado à história da organização, à construção composicional com a apresentação de colunas e ações como a linha de tempo, depoimentos dos públicos etc. e, por fim, o estilo, marcado pelo uso imagético e verbal formal, acessível e objetivo. Salienta-se que esse gênero discursivo tem sido considerado estratégico na construção da imagem e legitimação da reputação organizacional, pois vincula aspectos emocionais (histórias de vida) a ações de responsabilidade social.

Cabe, então, retomar uma das finalidades do programa: “Contamos com o apoio de uma rede formada por mais de 60 representantes de diversas áreas e unidades da Petrobras. Dessa forma, ‘garantimos nossa presença’ em todo o Brasil e ‘disseminamos a importância’ da preservação da memória da empresa”⁸ (Petrobras, 2015b, s.p., grifo nosso).

Tal asserção, oriunda da apresentação do Programa, deixa evidente o uso feito do trabalhador pelo outro, seu empregador (Schwartz & Durrive, 2007). A criação do espaço de dizer (Machado & Di Fanti, 2012) é permeado por coerções no momento de uso dessa fala. Nesse ponto, considera-se

interessante retomar alguns aspectos históricos filiados ao ethos pré-discursivo.

A fim de sustentar algumas das percepções na análise da enunciação, isto é, do discurso, apresenta-se um breve panorama composto por três frentes: a) pontos-chave da história da Petrobras, b) Projeto ‘Memória dos Trabalhadores da Petrobras’ e c) Programa ‘Memória Petrobras’. Defende-se que a conjunção entre essas informações conflui para a indicação do ethos prévio. Conforme dados disponíveis no portal oficial, em julho/2015, a Petrobras é uma empresa integrada de energia. Conta com 798.596 acionistas, 86.111 empregados, 15 refinarias e 57 navios próprios. Sua presença global contempla 17 países. Dentre as principais atividades estão: exploração, produção e refino de petróleo e gás. A Figura 2 representa os eventos históricos relacionados à empresa, no que tange ao escopo deste estudo. Essa retomada é importante, pois constitui a presença da organização no imaginário coletivo brasileiro, referindo estereótipos “[...] que a enunciação contribui para reforçar ou transformar” (Maingueneau, 2008c, p. 65). Desde sua criação, a estatal ancorou-se em questões relativas ao ‘orgulho nacional’, ao ‘sonho de independência econômica’, estimuladas pela gestão pública da época⁹ (Petrobras, 2015c) e mantidas até a contemporaneidade¹⁰ (Petrobras, 2015d).

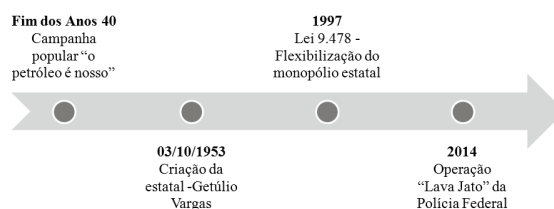


Figura 2. Breve Histórico da Petrobras¹¹.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto ao ‘Memória Petrobras’, institucionalizado em 2004, nasceu em 2001 como projeto ‘Memória dos Trabalhadores da Petrobras’, mediante a proposta de patrocínio trazida por um grupo de sindicalistas petroleiros de Campinas, cujo intuito era registrar memórias dos trabalhadores na Companhia. A empresa, considerando a oportunidade de aproximação com sindicatos, trabalhadores e demais públicos, propôs realização

⁹ “É, portanto, com satisfação e orgulho patriótico que hoje sancionei o texto de lei aprovado pelo poder legislativo, que constitui novo marco da nossa independência econômica”. Fragmento do discurso de Getúlio Vargas na ocasião da criação da estatal. Disponível em: <<http://www.petrobras.com/pt/quem-somos/nossa-historia>>

¹⁰ Campanha ‘Superação’, lançada em janeiro de 2015. Mais informações disponíveis em <<http://www.petrobras.com.br/fatos-e-dados/petrobras-ontem- hoje-e-sempre-superando-desafios.htm>>.

¹¹ Para mais informações sobre a Operação ‘Lava-Jato’, sugere-se o acesso ao *website* da Polícia Federal, disponível em: <<http://www.dpf.gov.br/agencia/estatisticas>>, além de portais de notícias.

⁸ Recuperado em 6 abril de 2015 de http://memoria.petrobras.com.br/quem-somos#_Va0_2fIViko.

conjunta da ação. Após um ano de negociações, em 2002, fecharam a parceria para um projeto de onze meses. Foram realizadas 260 entrevistas, em parceria com o Museu da Pessoa, publicadas em 2003 no 'Almanaque Memória dos Trabalhadores Petrobras' (Figueiredo, 2009)¹².

Quando incorporado às práticas comunicacionais institucionais, tornou-se programa e passou a ter um novo formato. Além da mudança do nome, foram incluídas outras quatro linhas de pesquisa para coleta de dados, abrangendo diferentes públicos (Figueiredo, 2009). Para finalizar a contextualização que permeia o imaginário coletivo de trabalhadores perante o programa, agregam-se dois excertos de Figueiredo (2009), visto que deixam evidentes o desconforto da organização quanto à manifestação dos trabalhadores no projeto e o interesse estratégico que o programa passaria a ter com a modificação.

Excerto 1 - De acordo com a ata da reunião de setembro de 2003, por exemplo, os representantes da empresa 'manifestaram': 'preocupações' com relação a terem observado 'um tom mais sindical do que empresarial' na obra e a 'falta de depoimentos apoiando as posições da empresa' ao longo dos anos (Figueiredo, 2009, p. 68, grifo nosso).

Excerto 2 - A definição das novas linhas de pesquisa foi pensada de 'forma estratégica' para 'justificar a continuidade do projeto' e ter a 'validação institucional'. Outro ponto levantado a favor do projeto era a indicação de que a empresa poderia fazer uso desse acervo como 'ferramenta de gestão e de relacionamento' com os seus públicos de interesse, 'valorizando a marca junto aos empregados e à sociedade'. A ideia era demonstrar como fazer uso da história da Companhia para melhorar a sua gestão (Figueiredo, 2009, p. 70, grifo nosso).

Os excertos expressam elementos da cultura organizacional (Morgan, 2011). O exercício das forças centrípetas (Bakhtin, 2002) perante uma gestão que demonstra ser verticalizada e circunscreve as interações ao apoio às posições da empresa. O interesse na percepção dos sujeitos acerca de seu fazer, ou seja, o movimento dos trabalhadores diante das normas (Durrive, 2011) é secundário. O uso de si por si (Schwartz & Durrive, 2007) é representado como ferramenta, dado que é primordial o uso dos enunciados para legitimar a reputação da empresa. A atividade laboral, dimensão humana, é tratada como 'produto', que não contempla as prescrições (posições da empresa), mas é provido de um 'defeito' de composição mediante a interpretação da experiência.

Nesse sentido, Machado e Di Fanti (2012, p. 34) afirmam que "[...] é pela verbalização sobre o trabalho que vozes discursivas são refletidas e refratadas, tecendo conhecimento e reconhecimento da atividade laboral."

Pode-se, então, questionar se a empresa avaliou as potencialidades da criação de um espaço de dizer, para além do projeto institucional. No entanto, é inevitável inferir que o Programa propõe a construção de uma encenação organizacional por meio do discurso. Conforme a argumentação de Amossy (2008, p. 138) "[...] a construção de uma imagem de si no discurso tem a capacidade de modificar as representações prévias, de contribuir para a instalação de imagens novas e de transformar equilíbrios, contribuindo para a dinâmica de campo."

Diante dos elementos relacionados ao programa de comunicação institucional até o momento, a Petrobrás busca reforçar os estereótipos vinculados ao trabalho dos sujeitos na empresa com vistas à legitimação de sua imagem.

Por fim, diante da inserção da exposição virtual 'Vida de Embarcado' no programa institucional, mesmo constituída pelos depoimentos dos trabalhadores, cuja coleta ocorreu no período do projeto encabeçado pela força sindical e coassinado pela Petrobras¹³, ou ainda do processo de atualização da memória corporativa a partir do acesso a esse conteúdo do *website*, é possível identificar o ethos prévio popular, colaborativo, participativo e humanizado vinculado à atividade. Porém, o que a enunciação dos trabalhadores manifesta? Estariam eles presos ou totalmente avessos à encenação pretendida? As coerções exercidas pela organização na ordenação dos depoimentos são manifestadas na enunciação? O ethos discursivo confirmará as representações prévias? Essas questões são incorporadas à análise que segue. Destaca-se, na Figura 3, brevemente, o perfil dos trabalhadores com depoimentos incluídos nas três categorias delimitadas ao estudo.

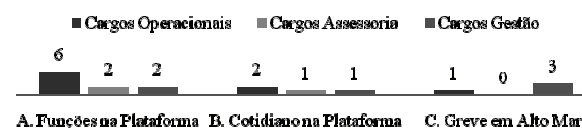


Figura 3. Perfil dos Trabalhadores.

Fonte: Elaborado pelos autores.

¹² Trata-se da dissertação de Figueiredo que, na época, era funcionária da empresa e atuava no Programa Memória Petrobras.

¹³ "[...] além do acervo – disponível na Internet – e do Almanaque Memória dos Trabalhadores Petrobras, foram elaborados alguns produtos temáticos com trechos de depoimentos e documentos do acervo. Um dos exemplos é a exposição virtual intitulada Vida de embarcado' (Figueiredo, 2009, p. 138, grifo nosso).

Os dados da Figura 1 chamam atenção tanto pela disparidade em relação à quantidade de depoimentos quanto pelas posições ocupadas pelos trabalhadores. A enunciação contribui para esse olhar preliminar. O ethos mostrado, “[...] em que o enunciador evoca sua própria enunciação[...]” (Maingueneau, 2008c, p. 71), na categoria ‘A’, refere-se a tarefas realizadas pelos sujeitos ou às responsabilidades da área. Exemplifica-se com excertos dos enunciados:

Minha atividade ‘se resume’ a verificar a situação dos equipamentos de processo [...]” (DA3¹⁴); “‘Minha rotina’ a bordo é prestar assessoria de salvatagem ao Geplat[...]” (DA2); ‘Eu faço’ análises diárias de óleo, ‘faço’ análise de água potável dos tanques, análise de inibidor de corrosão (DA1) (Petrobras, 2015a, s.p.).

Esses fragmentos demonstram a opção dos trabalhadores por caracterizar suas funções perante a descrição das tarefas. Tal escolha enunciativa enfatiza o uso de si pelo outro e revela que o trabalhador tem dificuldades de entender seu profundo envolvimento na atividade, visto que a atividade laboral se ancora em prescrições que “[...] não levam em conta a singularidade de quem se prepara para agir” (Durrive, 2011, p. 51).

Nesse mesmo sentido, percebe-se certa entoação valorativa na categoria ‘B’ perante o ethos dito pelos trabalhadores acerca de seu cotidiano:

Você fica naquele clima de tensão até conseguir se adaptar [a mudança para plataforma] [...] (DB1); Tu ficas afastado da família, afastado de tudo, mas só trabalhas nesse período [...] (DB3); [...] depois que você acostuma, é como um vício, fica difícil você se adaptar a essa rotina do dia-a-dia, porque a gente trabalha, mas tem o período da folga (DB4) (Petrobras, 2015a, s.p.).

Esses excertos demonstram que “[...] cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva” (Bakhtin, 2015, p. 297).

Os trabalhadores reforçam os benefícios de se trabalhar embarcado, o que supõe a abordagem da temática nas interações entre si, ou na propagação de prescrições pela organização em programas motivacionais, por exemplo.

O ethos dito pela enunciação permeia o que Morgan (2011) refere sobre a cultura enquanto manifestação do desenvolvimento social da comunidade na qual a organização está localizada. Essa manifestação também relaciona-se à reflexão de Schwartz e Durrive (2007) quanto à atividade

laboral. É o caso da fragmentação ou especialização do fazer. Na categoria A, DA3 afirma: “[...] trabalho ‘mais focado’ nesta área da inspeção dos equipamentos de processo [...]”, assim como DA5: “[...] eu ‘dou assessoria’ à gerência da unidade em ‘tudo’ que diz respeito à segurança”. (Petrobras, 2015a, s.p.)

Esses enunciados fundamentam aquela percepção, visto que os sujeitos optam por especificar sua função sem uma relação com o todo da plataforma. Embora tal expressão tenha mais evidência no contexto dos dizeres, destaca-se também seu oposto, quando DA7 reconhece: ‘trabalho dando estabilidade ao navio, mantendo tudo normal’. Nesse caso, além de reconhecer o uso que faz de si (Schwartz; Durrive, 2007) para o exercício de suas tarefas, o trabalhador procura apresentar uma visão global do ambiente de trabalho.

Chama atenção, ainda, a enunciação dos gestores acionados nas categorias A e C. Quando DA10 menciona:

[...] eu trabalho agora gerenciando pessoas. E isso, para mim, é muito fácil, porque eu tive a felicidade de vir para cá nesse momento em que as pessoas estão sendo valorizadas. Houve uma nítida valorização das pessoas [...] (Petrobras, 2015a, s.p.).

percebe-se o interesse em contribuir com o discurso empresarial a ele prescrito. O mesmo pode ser investido a partir das quatro asserções, de 3 gestores e 1 trabalhador operacional, relativas à categoria greve em alto mar. O uso de palavras amenas, como se exemplifica abaixo (especialmente em DC1 e DC4), com os excertos dos depoimentos dos trabalhadores, relaciona-se com o vínculo ideológico referido por Bakhtin e Volochinov (2014) na produção dos enunciados da interação verbal na comunicação discursiva:

Excerto de DC1: Eu acho que ‘foi uma conquista do sindicato’, que acabou beneficiando todo mundo, todos os empregados, de uma forma ou de outra, e se quebrou esse paradigma [de que as plataformas nunca parariam]. ‘Talvez’ tenha sido o fato marcante dessa parte sindical, com altos e baixos do ‘nosso sindicato’, ‘erros e acertos, exageros’ algumas vezes também (Petrobras, 2015a, s.p.).

Excerto de DC2: Eu lembro da greve de 95, que cheguei a participar. E as coisas eram mais conturbadas, ‘até pela própria cultura que se tinha’ na Bacia em relação à gerência. [...] antigamente, o negócio era pior. Era encarado quase como ‘terrorista, qualquer reivindicação’ (Petrobras, 2015a, s.p.).

Excerto de DC3: Na plataforma, você está dentro do trabalho. Você dorme, come e toma banho dentro do

¹⁴ A identificação dos depoentes será indicada pela letra referente a cada categoria + número, conforme coleta de dados. Exemplo: DA1, primeiro depoente da categoria A. Assim: D=depoente, A=categoria, 1=ordenação.

trabalho. Então, quando você está em uma situação de greve, ‘que é uma situação tensa’, você fica naquela tensão 24 horas por dia (Petrobras, 2015a, s.p.).

Excerto de C4: [...] estávamos com um presidente da República que queria acabar com a Empresa, queria notoriamente ‘acabar com a categoria’. E a ‘categoria deu uma resposta muito digna’. Hoje, isso é o resultado que ‘Petrobras apresenta com a alta tecnologia [...] boa rentabilidade’ ‘e um nome’ mundialmente respeitável. ‘Tudo isso poderia ter acabado’ em 1990, se a categoria não tivesse resistido (Petrobras, 2015a, s.p.).

Apesar da ênfase à ação sindical, o que é justificado diante da situação de produção, os enunciados dessa categoria procuram desvincular questões da empresa como fonte para ocorrência da greve. Também há uma preocupação em evidenciar que tais situações controversas são parte do passado e não refletem a realidade organizacional atual. Percebe-se, assim, que, como afirma Marchiori (2014, p. 21), “[...] a comunicação assume, nessa perspectiva, uma função criadora e não reprodutiva da realidade”. A enunciação dos trabalhadores é fiadora do que a organização pretende reforçar, seu ethos positivo, de certa forma, colaborativo. Nesse sentido, ao relacionar aspectos do ethos prévio, como a insatisfação com o ‘tom sindical’ e a falta de apoio ‘às posições da empresa’¹⁵, infere-se que a Petrobras, na enunciação produzida para o Programa, seleciona e utiliza resultados daquele espaço de dizer para sustentar seus interesses. Supõe-se, assim, um afastamento do vínculo interacional e efetivo com os trabalhadores.

A fim de sintetizar a posição fiadora produzida pelos discursos dos trabalhadores, perante a exposição virtual ‘Vida de Embarcado’, constrói-se a Tabela 1.

Tabela 1. O Fiador: a exposição ‘Vida de Embarcado’.

Categoria	Tom	Caráter	Corporalidade
A) Funções na Plataforma	Descritivo	Introverso e seguro	Força e convicção
B) Cotidiano na Plataforma	Autoridade, compensação	Sério, convicto	Argumentação fechada e conclusiva
C) Greve em Alto Mar	Confissão, satisfação	Sério, reflexivo	Reconhecimento de mudanças

Fonte: Elaborado pelos autores.

Emergente do discurso dos trabalhadores, as características manifestas na construção do fiador, por meio da exposição virtual, são sintetizadas na Figura 1. Tal construção permite a identificação da cenografia, “[...] a da correspondência particular, que põe em contato dois indivíduos que mantêm uma

relação pessoal” (Maingueneau, 2013, p. 101). Desse modo, perante a argumentação exposta, confirma-se a posição de fiador ocupada pela exposição virtual, mediante a construção cenográfica do espaço de dizer. Assim, pode-se perceber que o ethos discursivo em relação à atividade centra-se na tarefa, no uso de si pelo outro e nas prescrições. Percebe-se uma oposição ao ethos prévio, vinculado ao popular, colaborativo e humanizado. Assim, é notório que, mesmo diante de uma tentativa de discursivização do processo comunicacional pelo exercício de forças centrípetas, quando se tem como base os enunciados da interação verbal, as forças centrífugas movimentam a imagem de si perante o discurso.

Considerações Finais

O declínio das metanarrativas no pós-moderno, conforme observa Lyotard (2013), aponta para desafios obscuros ao entendimento das relações entre sujeitos. No entanto, permite a ressignificação de concepções enraizadas no tempo. Mesmo que as transformações se deem lentamente, a exemplo da noção de trabalho, na contemporaneidade já se admite um olhar mais complexo e emaranhado à realidade. Os diversos saberes e sentidos, atualizados permanentemente nas interações cotidianas, nas micronarrativas, tornam-se elementos fundamentais para a evolução de processos, além de lançar luz sob a imbricação das múltiplas dimensões organizacionais. Cultura, comunicação e trabalho, enquanto noções maleáveis e vinculadas às produções intelectual e relacional do sujeito, surgem como trinômio inerente ao estudo do cenário sociocultural e econômico.

A partir do objeto empírico deste estudo, a exposição virtual ‘Vida de Embarcado’, compreendem-se aspectos culturais relativos ao desenvolvimento da sociedade contemporânea, como a especialização e a fragmentação do fazer laboral, resultantes do processo de hibridização entre meta e micronarrativas. A expressão criadora da realidade por meio da enunciação reflete o interesse na legitimação da reputação organizacional. Contudo, também refrata para um contexto diferente do, coercitivamente, instituído pelo outro ao fazer uso dos enunciados de trabalhadores, no uso de si por si em seu espaço de dizer. O trabalho passa a integrar a refração e a reflexão na construção do ambiente organizacional.

O *corpus* em análise explícita, ainda, o dialogismo bakhtiniano. Mediante a descontextualização e a recontextualização da enunciação dos trabalhadores, novos sentidos são construídos e saberes são tensionados. Se o cenário de produção enunciativa

¹⁵ Expressas pelos trabalhadores em seus depoimentos durante o projeto.

vinculou-se à oportunidade de reflexão acerca de diversos aspectos do cotidiano do trabalho, sua apropriação institucionalizada procurou associar outros elos na comunicação discursiva. Embora seja passível um olhar aos diversos interesses latentes por ambos os sujeitos, ora o trabalhador, fiador, em seu espaço de dizer, ora a organização, enunciadora, em sua ação corporativa, ao coenunciador competem inúmeras deliberações, variáveis ao seu escopo ou conjuntura.

Com base nos apontamentos realizados ao longo deste artigo, compreende-se que o estudo do ethos é profícuo para identificar as linhas centrífugas e centrípetas tenuemente entrecruzadas. No caso da Petrobras, infere-se o ethos pré-discursivo como popular, colaborativo, participativo e humanizado. A atividade laboral é permeada por intenso valor social e reconhecimento no imaginário coletivo. Todavia, o ethos discursivo, procedente dos enunciados dos trabalhadores, manifesta um vínculo ao trabalho centrado na tarefa, nas prescrições, no uso de si pelo outro. É necessário ponderar, desse modo, que a enunciação dos trabalhadores, incentivada por uma ação sindical, tende a estar inebriada por uma ideologia metanarrativa, como o marxismo, por exemplo. Argumenta-se, então, que a seleção realizada pela empresa à organização da exposição virtual é também calcada em outras ideologias economicistas. Esse julgamento não é permitido pelas evidências aqui apresentadas. Entretanto, as reflexões oriundas das relações entre os elos da comunicação discursiva são resultantes desse processo de tensão entre as forças que unem e afastam os sujeitos.

Por fim, considera-se (e defende-se) que a investigação da discursivização do processo comunicacional é um modo efetivo ao estudo e à compreensão das organizações. As interações que constroem seus ambientes apontam para os diferentes percursos no contexto da atividade laboral, além de permitirem ao sujeito um espaço real de reflexão e avaliação de seu fazer perante o próprio tecer da experiência humana. O estudo do ethos, vinculado ao dialogismo e sustentado pela relação entre cultura, comunicação e trabalho, nesta investigação inicial e provisória, instiga a busca por novos mapas que apoiem a navegação por mares que simulam tranquilidade, mas que registram turbulências basilares ao entendimento do contexto contemporâneo. Nós, enunciadores, sustentados por nossa fiadora, esta pesquisa, esperamos persuadi-lo, nosso coenunciador, você, nosso leitor, a ingressar neste barco. Navegar nessas águas conduzirá ao avanço? Esse é o desafio, o destino que nos une.

Referências

- Amossy, R. (2008). O ethos na interseção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In R. Amossy (Org.), *Imagens de si no discurso: a construção do ethos* (p. 119-144). São Paulo, SP: Contexto.
- Bakhtin, M. (2002). O discurso no romance. In M. Bakhtin (Ed.), *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (5a ed., p. 71- 210, Aurora Fornoni Bernadini, trad.). São Paulo, SP: Hucitec Annablume.
- Bakhtin, M. (2015). *Estética da criação verbal*. (6a ed. 2ª tiragem). São Paulo, SP: WMF Martins Fontes.
- Bakhtin, M., & Volochinov, V. N. (2014). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem* (16a ed.). São Paulo, SP: Hucitec.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Carrieri, A. P., & Silva, A. R. L. (2014). O Entendimento das Organizações Como Culturas: uma alternativa teórico-metodológica. In M. Marchiori, (Org.), *Cultura e Interação* (p. 57-72). São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora; Rio de Janeiro, RJ: Senac.
- Di Fanti, M. G. C. (2013) Perspective dialogique et approche ergologique: (inter)faces de la relation langage-travail. *Ergologia*, (9), 29-44. Recuperado de http://www.ergologia.org/uploads/1/1/4/6/11469955/9_article_di_fanti.pdf
- Durrive, L. (2011) A Atividade humana, simultaneamente intelectual e vital: esclarecimentos complementares de Pierre Pastré e Yves Schwartz. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, 9(1), 47-67.
- Fairhurst, G. T., & Putnam, L. (2010). As organizações como construções discursivas. In M. Marchiori, (Org.), *Comunicação e organização: reflexões, processos e práticas* (p. 103-148). São Caetano do Sul, SP: Difusão.
- Figueiredo, M. C. (2009) *Da memória dos trabalhadores à memória petrobras: a história de um projeto*. (Dissertação de Mestrado). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.
- Fiorin, J. L. (2010). Categorias de análise em Bakhtin. In L. Paula, & G. Stafuzza (Orgs.), *Círculo de Bakhtin: diálogos (in)possíveis* (p. 33-49). Campinas, SP: Mercado das Letras.
- Freitas, E. C. (2011). Cultura, linguagem e trabalho: comunicação e discurso nas organizações. *Desenredo - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, 7(1), 104-126.
- Lyotard, J.-F. (2013). *O Pós-moderno*. Rio de Janeiro, RJ: J.O. Editora.
- Machado, I. B., & Di Fanti, M. G. C. (2012). Da criação de espaços de dizer: (re)normalizações e usos de si no trabalho. *Revista Moara*, (38), 21-36.
- Maingueneau, D. (2008a) A Propósito do Ethos. In A. R. Motta, & L. Salgado (Orgs.), *Ethos Discursivo* (p. 11-29). São Paulo, SP: Contexto.
- Maingueneau, D. (2008b). Ethos, cenografia, incorporação. In R. Amossy (Org.), *Imagens de si no discurso: a construção do ethos* (p. 69-92). São Paulo, SP: Contexto.

- Maingueneau, D. (2008c). *Cenas da Enunciação*. São Paulo, SP: Parábola Editorial.
- Maingueneau, D. (2013). *Análise de textos de comunicação*. São Paulo, SP: Cortez.
- Marchiori, M. (2014). *Cultura e Interação*. (Vol. 5, Coleção faces da cultura e da comunicação organizacional). São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora; Rio de Janeiro, RJ: Senac.
- Marchiori, M. (2013). Cultura e Comunicação Organizacional: uma perspectiva de inter-relacionamento. In M. Marchiori (Org.), *Comunicação em Interface com a Cultura*. (p. 101-115, Vol. 1, Coleção faces da cultura e da comunicação organizacional). São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora; Rio de Janeiro, RJ: Senac.
- Marchiori, M. (2009). ¿Por qué hoy en día precisamos cultura organizacional? Una perspectiva de comunicación única em el área posmoderna. *Diálogos de La Comunicación - Revista Académica de La Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social*, 80(78), 1-20.
- Morgan, G. (2011). *Imagens da Organização*. São Paulo, SP: Atlas.
- Petrobras. (2015a, 6 de abril). *Portal Memória Petrobrás, Exposições Virtuais: vida de embarcado*. Recuperado de <http://relacionamento.petrobras.com.br/memoria/minisites/memoria/embarcado/index.html>.
- Petrobras. (2015b, 6 de abril). *Quem Somos*. Recuperado de http://memoria.petrobras.com.br/quem-somos#.Va0_2flViko.
- Petrobras. (2015c, 20 de julho). *Nossa História*. Recuperado de <http://www.petrobras.com/pt/quem-somos/nossa-historia/>
- Petrobras. (2015d, 20 de julho). *Petrobras: ontem, hoje e sempre superando desafios*. Recuperado de <http://www.petrobras.com.br/fatos-e-dados/petrobras-ontem-hoje-e-sempre-superando-desafios.htm>
- Polícia Federal. (2017). Estatística de Operações. Recuperado de <http://www.dpf.gov.br/agencia/estatisticas>
- Schwartz, Y. (2015). Concordância dos tempos? O trabalho, o mercado, a política. *Revista Eptic*, 17(1), 76-91.
- Schwartz, Y. (2014). Motivações do conceito de corpo-si: corpo-si, atividade, experiência. *Letras de Hoje*, 49(3), 259-274.
- Schwartz, Y. (2011). Conceituando o Trabalho, o visível e o invisível. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, 9(1), 19-45.
- Schwartz, Y. (2007) Un bref aperçu de l'histoire culturelle du concept d'activité. *@ctivités*, 4(2), 122-133.
- Schwartz, Y., & Durrive, L. (2007). *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói, RJ: Eduff.
- Smircich, L. (1983). Concepts of culture and organizational analysis. *Administrative Science Quarterly*, 28(3), 339-358.
- Trinquet, P. (2010). Trabalho e Educação: o método ergológico. *Revista Histedbr On-line*, 10(38c), 93-113.

Received on September 12, 2015.

Accepted on March 7, 2016.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.